



Propriedade da Empresa do "Barcellos-Revista."

DIRECTOR E EDITOR: EDUARDO LARCHER MARÇAL.

RED. E ADM. LARGO JOSÉ NOVAES. COMP. E IMP. CENTRO DE NOVIDADES.

Cartas á minha vizinha

XIV

A confiança nos jornaes.—Um expediente de Bismark.—As redacções dos jornaes.—Como n'ellas se trabalha.—Os jornalistas e o Judeu Errante.—A febre, a ancia, a precipitação de escrever.—Um conselho de Descartes.—Duvidar antes de crêr.

Vizinha:

Eu sei que a Vizinha lê os seus jornaes e sei ainda, minha cara inimiga, que, muitas vezes, forma opinião por elles.

Fiz essa tenebrosa descoberta, quando ha poucos dias a ouvi discutir com calor, com paixão mesmo, qualquer d'esses assumptos que andam na ordem do dia, aos pontapés das conversas, como as pélas nos jogos dos collegiaes.

Percebendo o tom caloroso e convicto da sua voz, pensei, Vizinha, que a sua opinião tivesse o fundamento solido do estudo, da leitura ou da observação demorada e serena das coisas.

Puro engano!

Ouvi um pouco da sua conversa, minha encantadora amiga, e Deus do Ceu! essa *Verdade* que apaixonadamente defendia encontrara-a, a Vizinha, simplesmente n'um

artigo do seu jornal, em que confiou como um brahmane confia no sagrado livro dos Vedas.

E ao sentir, minha illudida amiga, a sua confiança credula no jornal que leu, lembrei-me então com amargura de quanta mentira, quanta inconsideração, quantas torpezas mesmo, enchem ás vezes as *curtas paginas* de um jornal.

Lembrei-me que uma mesma ideia, um mesmo facto, em dois jornaes de facções oppostas, apparecem com aspectos tambem oppostos e ás vezes igualmente desfigurados.

Lembrei-me como a paixão, o interesse, a inconsciencia dos jornaes contribuem para accentuar a separação, os odios, as ambições que separam e lançam uns contra os outros os filhos da mesma patria, que deviam amar-se e ajudar-se como irmãos!

Como elles desfiguram a verdade, como elles irritam as questões, como elles analysam superficialmente os factos!

E, ás vezes, quanta infamia debaixo de uma apparente sinceridade!!

Bismark, antes da guerra de 1870, comprou alguns dos grandes jornaes francezes, para não denunciarem os preparativos que a Allemanha então fazia.

E quando o cynico e brutal Chancellor de Ferro quiz que rebentasse a guerra, deixou de pagar a esses jornaes, que fizeram então uma violenta campanha contra a Prussia,

campanha que tanto contribuiu para essa hecatombe sangrenta!

Umaz vezes, os jornaes levantam campanhas que revoltam; outras vezes, têm silencios que indignam.

Porque é que a quasi totalidade dos jornaes da Europa se calou sobre os terribes massacres da Armenia? Porque é que quasi todos os jornaes portuguezes encobriram e encobrem, com um silencio cumplice, a escravatura de S. Thomé?!

Ha por vezes almas grandes e nobres que deixam nos jornaes um rasto luminoso de bondade e de justiça.

E, se a imprensa franceza accusou criminosa ou inconscientemente Dreyfus, tambem foi em um jornal francez que Zola escreveu o seu libello formidavel de verdade, de audacia e de nobreza, contra os perseguidores do desgraçado judeu.

E na verdade ha jornaes bons e maus.

Mas como é raro encontrar n'elles o amor desinteressado da verdade e o proposito severo e firme de a procurar!

Como é raro, sobretudo, sentir nos seus artigos a serenidade e liberdade de espirito, a frieza e o rigor da analyse de quem os escreve!

E' que, minha illudida amiga, a verdade só se consegue com a calma serenidade da reflexão, sem interesse, sem preconceitos, sem precipitações.

Se entrasse na redacção de um grande jornal veria logo, Vizinha, como ahi é quasi impossivel essa tranquillidade de espirito, essa meticulosidade conscienciosa de observação, necessarias para a descoberta da verdade.

Lá dentro tudo é febre, tudo é ancia de dar interesse, de dar voga e reclame ao jornal, de agradar á facção que o compra; tudo é pressa de recolher noticias, de as commentar, de as *ageitar* á indole do jornal.

Assim como Deus dizia ao Judeu Errante *que andasse, que andasse sempre*, embora os seus membros lassos lhe pedissem descanso, e a sua alma cançada de fadiga e de amarguras lhe pedisse o repouso, ainda que fosse na morte, assim o Publico diz ao jornalista: *que escreva, que escreva sempre*, para lhe pagar.

Manda-lhe que não se demore, que não descance em uma analyse severa e conscienciosa dos factos, que não perca tempo no seu estudo profundo, porque, passada a oportunidade, o seu artigo já não é *actual*, já não interessa.

E é pelos jornaes, minha ingenua amiga, que nós tantas vezes fazemos opinião! E' nos jornaes que nós acreditamos cégamente, como se elles fossem o espelho fiel e rigoroso da verdade!

E permittimos-lhes, a elles, que perturbem a paz da nossa alma e que nos arrastem, de olhos vendados, para onde nos querem levar, com as suas paixões, os seus interesses, as suas faltas de escrupulos, a sua inconsciencia!

Eu não quero que a Vizinha deixe de ler os seus jornaes, mas o que lhe peço é que não accete confiadamente o que elles lhe vêm dizer. Tenha para elles a *duvida* systematica que, para tudo que pode formar uma convicção, devemos ter.

«Evitemos cuidadosamente a *precipitação* e a *prevenção*, ensinava o grande philosopho Descartes, não formemos opinião senão por aquillo que se tenha apresentado *tão clara e distinctamente* ao nosso espirito que nunca haja occasião de o pômos em duvida.»

Tenha apenas o calor e a segurança de uma convicção, n'aquillo que a serenidade laboriosa do estudo e a analyse documentada e imparcial dos factos lhe mostrar ser a Verdade.

E roube, roube algum tempo aos seus jornaes, para uma leitura mais solida, mais sã e mais profunda.

Verá como, na torre de marfim da sciencia, se ha-de isolar das amarguras mesquinhas da vida e ha-de sentir uma repousadora tranquillidade de alma.

Ha bons livros, que, como bons amigos, lhe darão a força, a alegria e o orgulho de viver, que muitas vezes se não lê na melancolia sentimental dos seus lindos olhos.

Do seu Vizinho tantas vezes

Importuno.

A primeira consulta

ENTREI muito apressado no meu escriptorio, porque já tinham soado alli nos Cle-
rigos as onze da manhã.

Era a primeira vez que eu ia pôr em leilão toda a minha sciencia juridica, armazenada á custa de tantas horas de impaciencia, encurralada e represada a custo dentro do meu pobre cerebro, que já quasi não podia resistir á força explosiva de tantos cartapacios.

Emfim, chegara a occasião de eu começar a esvasiar tão atralhado deposito, e só esta ideia me enchia de consolação! O que eu queria era que me viessem fazer mil perguntas, coisas do arco da velha, enigmaticas umas, claras como a agua outras, de tudo emfim que pode tranquillisar a Humanidade sedenta de Justiça (vão lá estas maiusculas!), para eu poder avaliar por mim proprio de quanto é capaz um advogado no seu primeiro dia de trabalho.

Entrei, como disse, e sentei-me. Sentei-me com um pouco de bonhomia, com uma pontinha de esperanza, com um quasi nada de aborrecimento, com uma sensação de conforto, e até com um vago remorso de consciencia.

Mas o facto é que sempre me sentei.

Para me distrahir, arrumei os livros sobre a meza, descerrei a tampa de um tinteiro ainda virgem, colloquei deante de mim umas *fechas* de papel, violei sem escrupulos o tinteiro, e comecei a rabiscar. O quê, nem eu sei. O leitor tambem não perde nada com isso.

Puz-me depois a pensar na clientela, na clientela aliás muito respeitavel que eu poderia vir a ter, mas que de facto ainda não tinha.

Torturava-me, ou melhor, distrahia-me com este pensamento, quando senti que alguém esfregava atabalhoadamente os pés á porta do escriptorio.

Perfilei-me na cadeira, como é de uso fazer-se em conjuncturas taes, e, reprimindo logo o primeiro movimento, fingi-me muito atarefado, muito cheio de trabalho, mergulhado no meio de uma porção de papeis.

Ergui nobremente a cabeça (aparte a mo-

destia do adverbio) e vi então deante de mim um individuo, com olhares de intelligente, embora não fossem de lettrado.

—Então que ha?

—Vinha aqui tomar um conselho com o sr. doutor . . .

—Queira dizer.

—Eu . . . ou por outra, o sr. doutor já sabe que foi proclamada a Republica em Portugal . . .

—Sei, sei, disse eu com estranheza.

—E' porque eu tinha uma difficuldade . . .

—Por causa da Republica?

—Não senhor; elle não é por causa d'ella, é por causa de mim.

—Mas o que é? insisti.

—E' que agora diz que estamos em tempo de Liberdade, e eu queria saber . . .

—?!

— . . . eu queria que o sr. doutor me explicasse isso de Liberdade, porque eu não percebo nada.

—Homem de Deus, gritei, aqui não se dão conselhos d'esses: eu sou advogado, não sou politico, e por isso era escusado cá vir.

—Mas é justamente por o sr. sêr advogado, replicou o individuo.

Nesta altura o homem já me estava a impacientar. Mas afinal, revesti-me de paciencia, sorri-me um pouco, nem eu sei porquê, e o consulente estrambotico continuou:

—Eu queria que o sr. doutor me dissesse, em face das leis, o que é que eu posso fazer com a Liberdade . . .

—O que pode fazer com a Liberdade?! O sr. não pode fazer nada, o que pode é usar d'ella, já que lh'a concederam.

—Mas que uso posso fazer então?

—Ora essa! Pode fazer tudo o que ella lhe permittir.

—Pois isso desejava eu saber. O sr. doutor comprehende: Até aqui era uma coisa, agora é outra. Até aqui já a gente sabia o que podia fazer. Mas agora, como veio a Liberdade, as coisas mudaram, e eu entendo que se ha-de poder fazer mais alguma coisa.

—Mas eu não posso estar a mencionar tudo que o sr. pode fazer. Posso dizer-lhe, se assim lhe convem, e já é muito, o que o sr. não pode fazer.

— . . .

—O sr., continuei com certa gravidade e pausa, á maneira de um lente na sua intangível cathedra, o sr. não pode fazer aquillo que as leis prohibem.

—E posso fazer aquillo que ellas não prohibem.

—Exacto.

—Mas agora, quaes são essas leis?

—Quaes, as que prohibem ou as que não prohibem?

—Ambas.

—Ambas, não. Todas, quer o sr. dizer.

—Sim sr.

«Que raio de consulta, resmungava eu commigo mesmo. Ora o que é que eu hei-de dizer a este diabo? E' claro que não vou estar ahi a enumerar-lhe as taes leis. Tambem podia mandar-lhe comprar num livreiro toda a nossa legislação.

«E no emtanto, a questão que elle me propõe, é juridica, rigorosamente juridica.»

—Olhe! respondi. Não posso responder directamente á sua pergunta.

Guie-se, entretanto, por o que lhe vou dizer. O sr. pode fazer tudo o que fôr bom, e deve evitar tudo o que fôr mau.

—Mas isso já era como até aqui.

—Pois continua a ser, retorqui já escandalizado.

—E a Liberdade?

—Que Liberdade?

—Então a Liberdade da Republica não mudou estas coisas?

—Tem razão. Mudou. O sr., além d'isso, pôde gritar impunemente: Viva a Republica.

—Isso já eu gritava lá em casa para arreliar a minha mulher!

—Pois agora, pode gritar na rua.

E o homem, com cara de satisfeito e plenamente elucidado, como alguém a quem tiram um pesadêllo, ia a metter a mão ao bolso, para tirar algum cobre.

—Não é nada, disse eu. Na Republica, consultas d'essas não se pagam.

*

E ahi está, caros amigos, que tivestes, como eu, a paciencia de escutar o meu consulente, o primeiro furo que eu dei no baril da minha sciencia.

Porto, 15—X—10.

JOÃO SEVERO.

Desejo simples

*Hei-de esconder-te, meu amor, um dia
Quando te possa só pr'a mim guardar,
N'uma risonha casa á beira-mar,
Cheia de flôres, de graça e de alegria.*

*A agua azul e mansa ha-de beijar,
Saltando pela agreste penedia,
A praia branca, limpida e macia,
Aonde os nossos filhos v.ão brincar.*

*Trabalharemos juntos, minha amiga,
E a vida assim não nos será pesada.
Quando me cerre os olhos a Jádiga,*

*Adormecerei calmo e satisfeito,
Repousando a cabeça fatigada
No carinhoso abrigo do teu peito.*

1910

V. CABRAL.

Passeio a Villar de Frades

QUEM escreve estas linhas, poucas vezes guardou no seu espirito tão bella recordação como a que lhe deixou o passeio que um grupo de barcellenses realisou, em 27 de julho ultimo, ao Convento de Villar.

Quer na longada do caminho, recamado de formosissimas paizagens, riquezas soltas prodigamente n'esta região encantadora, quer no convivio de companheiros amenos, artistas pelo sentimento, grandes pelo coração, o que é certo é que a alegria sem esforço, a satisfação sem reservas, viveram n'um bom dito, n'uma risada franca.

Já decorreram dez annos que pela primeira vez visitei o convento, recolhendo impressões que mais tarde trasladei n'um jornal, a «Arte», do Porto, impressões vagas de sentimentalismo, sem a feição talvez requerida d'uma analyse de architectura, de que é rica a igreja do convento.

Por julgar opportuno o referido artigo, aqui o transcrevo.

*

* * *

BARCELLOS (Villar de Frades)



INTERIOR DA EGREJA DO CONVENTO DE S. SALVADOR DE VILLAR

Cliché de F. Soucasaux

Simili-gravura de M. Ábreu

Convento de Villar de Frades

Fico cheio de tristeza quando visito aquellas ruínas, ás quaes o tempo, na sua irreductivel demolição, afivela a mascara sombria, esse vinco solemne que as coisas mortas revelam.

E ahi viveram aquelles que, outr'ora, se chamaram conegos regrantes de St.º Agostinho.

No evocar da imaginação, ferida pela saudade das coisas idas, reconstituo os quadros venturosos da paz monacal, e julgo ouvir, no enlevo de poderosa suggestão, o murmuro das resas compassadas, o psalmodiar triste-doce das almas alheias ás delicias terrenas.

Resôam dolorosamente os meus passos n'aquelle vazio immenso!

Das cellas, inteiramente nuas em gelido abandono, como que se exhala um frio que nos mata a graça dos sonhos.

E' porque alli viveram, na piedade da sua crença, na communhão das suas dores e dos seus desenganos, alguns espiritos a quem a vida, — quem o sabe? — estrangulou os seus mais ternos affectos, as suas mais caras ambições!

E sinto-os, vejo-os, olhos fitos n'um Christo a pedirem-lhe socego para as tribulações da sua alma, por essas horas mortas que não sabem esconder suspiros, que nunca enugaram lagrimas.

A minha tristeza augmenta, n'este amor enorme que tenho pelas ruínas, testemunhas mudas do passado, e que, em qualquer canto, se estadiam hirtas, assombradas de existirem na sua vergonha, de viverem da sua morte.

*
* *

Demora o convento de Villar de Frades na provincia do Minho, na freguezia de Areias de Villar, a sete kilometros d'entre todas a mais linda villa de Barcellos.

E' hoje magnifica e rendosa propriedade em que esmerada cultura de seu actual dono soube elevar as bellezas que lhe são naturaes. Beija-lhe o flanco o nosso bellissimo Cavado, que, no curvear airoso de limpidas aguas, amaneira a paizagem que mais deliciosa possa presumir-se.

Como elles eram profundamente artistas na sabia disposição dos seus Conventos!

Amaram da natureza ridente, as galas nunca excedidas, nunca até então comprehendidas.

Quer na elevação dos montes, onde o dobrar da vista entremostra seguidas perfeições, aspectos de variedade infinita abarcados somente por olhos de poetas e pintores, quer em uberrimos valles, sob frondosas arvores de amenos frescos, ahi os tenho visto, selectos monumentos, affirmativas gloriosas de supremo bom gosto.

*
* *

Chamaram-se, outr'ora, Conegos regrantes de St.º Agostinho!

Depois, a evolução social, os acontecimentos, marcaram-lhes a ultima «étape», a derradeira jornada.

E hoje, parece-me ver, n'aquellas vetustas muralhas, como que o gottejar do pranto que os velhos estillam ao lembrarem-se dos dias mais felizes da sua mocidade.

24-10-906.

ARNALDO BRAZ.



CONTOS

As idéas do coronel

—«Palavra de honra!»—disse o coronel Larporte, — eu estou velho, com gotta, com as pernas inteiriçadas como uns cepos, mas se uma mulher, uma mulher bonita, me mandasse passar pelo buraco de uma agulha, parece-me que saltaria por dentro d'elle como um palhaço por um arco. Hei-de morrer assim, está-me na massa do sangue. Eu cá sou um velho gaiteiro, da velha escola. Só de ver uma mulher, uma mulher bonita, sinto formigueiros por mim acima, até á barretina. Ora ahi está.

De resto, em França, todos assim somos. Conservamo-nos cavalleiros apezar de tudo, cavalleiros do amor e do acaso, já que supprimiram Deus, de quem realmente nós eramos a guarda de honra.

Mas a mulher, estejam certos, é que a não arrancam do nosso coração. Cá está, cá fica. Amamol-a, amal-a-hemos, por ella faremos todas as loucuras, enquanto França houver na carta da Europa. E ainda que nos bifem França; hão-de sobreviver francezes.

Eu, deante dos olhos de uma mulher, de uma mulher bonita, sinto-me capaz de tudo. Hein? quando sinto entrar em mim o seu olhar, esse olhar que nos mette lume nas veias, tenho vontade não sei de quê, de me bater, de luctar, de escavar moveis, de provar que sou o mais forte, o mais bravo, o mais atrevido e o mais dedicado dos homens.

Mas nem só eu assim sou; todo o exercito francez é como eu, juro-lh'ó. Desde o tarimbeiro até aos generaes, vamos para a frente e até ao fim, quando se trata de uma mulher, de uma mulher bonita. Lembre-se do que Joanna d'Arc fez de nós, outr'ora. Olhe, aposto que se uma mulher bonita, tivesse tomado o commando do exercito nas vesperas de Sédan, quando o marechal de Mac-Mahon foi ferido, teriamos atravessado as linhas prussianas, com mil raios! e bebido a nossa pinga nos canhões do inimigo.

Não era Trochu que Paris precisava, mas sim santa Genoveva.

Lembra-me justamente uma pequena anecdota da guerra, que bem prova quanto somos capazes de tudo, deante de uma mulher.

Era eu a esse tempo capitão, simples capitão, e commandava um destacamento de vedetas que batia em retirada atravez de um paiz invadido pelos prussianos. Estavamos cercados, corridos, esfalfados, mortos de canção e de fome.

Ora nós precisavamos n'esse mesmo dia chegar a Barcour-Tain, senão eramos migados e chamuscados. Como escapamos nós até então? nem eu sei. Tinhamos pois doze leguas a andar durante a noite, doze leguas por baixo de neve, com a barriga vazia. Dizia eu com os meus botões:

—«Era uma vez, estes pobres diabos não aguentam!

Desde a vespera que se não tinha comido nada. Todo o dia estivemos escondidos n'uma eira, acamados para não sentirmos tanto frio, incapazes de fallar ou de mecher,

dormindo aos solavancos, como se dorme quando se está moido de fadiga.

A's cinco horas era noite, essa noite esbranquiçada das neves. Sacudi a minha gente. Muitos não se queriam levantar, incapazes de se moverem ou de se terem em pé, ankysolados pelo frio e pela fome.

Deante de nós, a planície, um raio de planície toda nua, onde chovia neve. Era cairem, cairem, como um cortinado, esses flocos brancos que tudo escondiam sob um pesado manto de gelo. Parecia o fim do mundo.

—«Vamos, a caminho rapazes!»

Elles olhavam para aquella poeira branca que descia do ceu, e pareciam pensar:

—«Basta de lérias! antes morrer para aqui!»

Então, pucheí do meu revolver:

—«O primeiro que se faz fino, estoiro-o! . . .

E ei-los que se põem a caminho, lentamente, como gente que não sente as pernas.

Mandei quatro marcharem a trezentos metros de deanteira; o resto seguinte a trochemoche, de cambulha, ao acaso das fadigas e da largura das passadas. Colloquei os mais rijos na rectaguarda, com ordem de accelearerem os vagarosos á baioneta . . . pelas costas.

A neve parecia enterrar-nos vivos; polvilhava os *képis* e os capotes sem se derreter, fazia de nós phantasmas, uma especie de espectros de soldados mortos, bem cançados.

Eu dizia commigo:

—«Não nos tiramos d'esta entalação. Isto só por milagre!»

Parava-se ás vezes alguns minutos, por causa dos que ficavam para traz. Apenas se ouvia então esse ciciar vago da neve, esse rumor quasi imperceptivel que fazem o emmaranhamento e o roçar de todos esses flocos que caem.

Alguns homens sacudiam-se. Outros nem se mechiam.

Dava depois ordem para tornar a partir. Voltavam as espingardas aos hombros, e marchava-se de novo, extenuadamente.

De subito, as vedetas tornaram atraz. Alguna coisa lhes dava cuidado. Tinham ou-

vido fallar na frente. Mandei seis homens e um sargento. E esperei

De repente, um grito agudo, um grito de mulher, atravessou o pesado silencio das Neves, e ao cabo de alguns minutos trouxeram-me dois prisioneiros, um velho e uma menina.

Reconheci logo que eram burguezes, ou mais ainda.

—«Teem de nos acompanhar, — disse-lhes eu.»

A caminho. Como o velho conhecia os sitios, guiou-nos.

Cessou de cair a neve; despontaram as estrellas e o frio augmentou terrivelmente.

A menina, pelo braço do pae, caminhava com passo sacudido, de quem não pode. Murmurou muitas vezes:

—«Já nem sinto os pés.»

E eu soffria mais que ella, de ver a pobre pequena arrastando-se assim pela neve fóra.

De repente, ella parou.

—«Pae, — disse ella, — estou tão cançada que não vou mais longe.»

O velho quiz leval-a; mas nem sequer a podia levantar, e ella caiu por terra soltando um grande suspiro.

Fazia-se roda em torno d'elles. Quanto a mim, marcava passo no mesmo terreno, sem saber o que havia de fazer, e sem me decidir realmente a abandonar assim aquelle homem e aquella creança.

Então, um dos nossos soldados, um parisiense, a quem tinham alcunhado o *Pratico*, exclamou:

—«Rapazes! é preciso levarmos esta menina, ou nós não somos francezes, com mil macacos!»

Palavra de honra! está-me a parecer que soltei uma praga de gosto:

—«Raio do diabo! isso é bonito, rapazes. E tambem eu quero o meu quinhão.»

Via-se vagamente, na sombra, á esquerda, as arvores de uma matta. Destacaram-se alguns homens, e pouco depois voltaram, com um feixe de ramos amarrados como uma padiola.

—«Quem é que empresta o capote? — gritou o *Pratico*. — E' para uma rapariga bonita, rapazes!»

E dez capotes vieram cair em torno do sol-

gado. N'um segundo a pequena achou-se deitada no quente, e levantada sobre seis hombros. Eu ia na frente, á direita, e contente com o meu quinhão, palavrinha!

Tornamos a partir como se tivessemos bebido a nossa pinga, mais vivamente e mais galhardamente. Ouvi até alguns gracejos. Basta uma mulher, — que lh'o digo eu, — para electrizar os francezes.

Os soldados quasi que tinham reformado as fileiras, reanimados, mais quentes. Um velho franco-atirador que seguia a padiola, esperando vez de substituir o primeiro camarada que desse parte de fraco, murmurou ao visinho, mas de modo que eu ouvi:

«—Eu não sou já nenhum rapaz; mas assim mesmo, não ha nada como as saias para dar coragem á gente! . . .»

Até ás trez horas da manhã, avançou-se quasi sem repouso. Depois, repentinamente, as vedetas tornaram atraz, e d'ahi a pouco, todo o destacamento fazia apenas uma vaga sombra no chão, de borco.

Dei ordens em voz baixa, e ouvi nas minhas costas o estalar secco e metallico do aperrar dos gatilhos.

Porque lá adeante, no meio da planicie, mechia qualquer coisa. Dir-se-hia algum enorme animalejo marchando, estendendo-se como uma serpente ou enrolando-se como uma bola, aos saltos bruscos, ora para a direita ora para a esquerda, parando, tornando depois a partir.

Então, a forma errante aproximou-se; e eu vi chegarem-se, um apoz outro, doze uhlanos perdidos que buscavam o seu caminho.

Estavam agora tão perto, que se ouvia o arquejar rouco dos cavallos, o tilintar das armas, o ranger das sellas.

Gritei:

—«Fogo!»

E cincoenta tiros mataram o silencio da noite. Partiram depois mais quatro ou cinco detonações, e enfim uma ultima; e dissipada a fumaceira da polvora, viu-se que tinham caido os doze homens e nove cavallos. Tres animaes fugiam n'um galope furioso, e um arrastava atraz, pendurado do estribo pelo pé, em solavancos doidos, o cadaver do seu cavalleiro.

Detraz de mim, um soldado ria, com um
rir terrível.

Outro disse:

—«São viúvas que ficam!»

Era talvez casado. Outro respondeu-lhe:

—«Não será por muito tempo.»

Uma cabeça tinha sahido da padiola:

—«O que é isso? — disse ella. Estão-se
a bater?»

—«Quem vive?»

Todo o destacamento fez alto; e eu avan-
cei para nos fazer reconhecer.

Chegavamos ás linhas francezas.

Como os meus homens desfilassem por
deante da guarda, um commandante a caval-
lo, a quem eu acabava de fallar, perguntou
em voz sonora, vendo passar a padiola:

—«Que é que vem ahi?»



UMA EXCURSÃO A VILLAR

Cliché de A. Soucasaux

Simill-gravura de M. Abreu

Eu respondi:

—«Não é nada, menina. Estivemos aqui
a impontar uma duzia de prussianos.»

Ella murmurou:

—«Coitados!»

Mas, como tinha frio, tornou-se a metter
debaixo dos capotes.

A caminho. Marchou-se muito tempo. Afi-
nal o ceu aclarou.

A neve punha-se clara, luminosa, reluzen-
te; e uma tinta rosada alastrava-se no oriente.

Uma voz bradou ao longe:

Appareceu logo uma figurinha loira, des-
penteada e risonha, que respondeu:

—«Sou eu, senhor.»

Elevou-se uma gargalhada entre os ho-
mens, e invadiu-lhes a alegria os corações.

Então o *Pratico*, que marchava ao lado da
padiola, agitou o seu *képi*, berrando.

—«Viva a França!»

E não sei porque, senti-me todo no ar, de
tanto que achei aquillo bonito.

Parecia-me que acabavamos de salvar o
paiz, de fazer alguma coisa que outros ho-

mens não teriam feito, coisa simples e verdadeiramente patriótica.

Essa figura nunca me ha-de esquecer; e se me pedissem a minha opinião sobre a supressão dos tambores e dos clarins, proporia substituil-os em cada regimento por uma rapariga bonita. Antes isso do que tocar a *Marselheza*. Com mil raios! como daria coragem ao tarimbeiro ter assim uma Nossa Senhora bem viva ao lado do coronel!

Calou-se um pouco, depois concluiu em tom convicto, sacudindo a cabeça:

—«E' o que lhe digo; nós, os francezes, damos o cavaco pelas mulheres!»

GUY DE MAUPASSANT.

Dos nossos poetas

AUTO DO FIM DO DIA

(EXCERPTO)

AO CAHIR DO SOL

*Num galeão de nuvens, para a Aurora
Embarca ao largo o sol. E de longada,
Para assistir ao grande botu-fóra,
Vem pela terra a sombra amargurada.*

*Desce entre os castanbaes, pela assomada,
Campainha a tocar, o Senhor-fóra.
Passam pombas no ar em revoadas,
Ovem-se ao longe os grilos d'uma nora.*

*E o Senhor vem passando: e com elle vae,
A cantar o Bemdito, de mansinho,
A gente que acompanha Nosso Pue.*

*E as ceifeiras deixaram de ceifar,
Ajoelham á beira do caminho,
E ficam de mãos postas, a rezar.*

ANTONIO CORRÊA D'OLIVEIRA (1)

(1) A sua poesia ingenua e simples, docemente triste, lembra as saudósas endeixas de Bernardim Ribeiro.—Os seus versos, sobretudo nos primeiros livros que publicou, têm um sabor pro-

Interesses locais

A CADEIA

O edificio que entre os annos de 1631 a 1636 foi aproveitado para a cadeia civil d'esta comarca, é uma das torres de cantaria do muro que abraçava e defendia a nossa villa das investidas dos inimigos: bastante alta, de paredes muito grossas (de quasi 2,90 de grossura) é dividida em quatro pavimentos e cada um d'elles (os 3 inferiores) só recebe luz por uma janella na face voltada ao norte, tendo o andar superior mais duas janellas: uma voltada ao nascente e outra a poente.

Este edificio é insalubre. Interiormente, falta-lhe o ar e a luz sufficientemente necessaria para poder ser habitado. E' humido e é frio e além d'isso tem-se permittido que d'elle se fizesse um antro de immundicie, devido ao pouco ou nenhum cuidado que tem havido na sua conservação e asseio.

Por isso, e se attendermos a que a sciencia exige que cuidemos muito das indispensaveis condições hygienicas que toda a casa de habitação deve ter, devemo-nos revoltar e exigir que não se admitta, dentro de uma povoação que se modernisa, que uma casa tão insalubre, sirva para habitação de creaturas humanas.

fundamente popular.—Ha n'elles o bucolismo ingenuo do nosso povo, apaixonado sempre pela sua terra, pela sua casa, ainda que seja humilde, pelo seu eirado ainda que lhe roube toda a luz a delgada sombra de uma arvore, pela sua aldeia ainda que cheguem para a cobrir, «de azas abertas, as pombas do seu pombal».—Perfunza-os a doce melancolia, o romantismo sentimental e vagamente elegiaco do coração portuguez.—Corrêa de Oliveira tem cabido, nos seus ultimos livros, em uma *afectação* de simplicidade, amaneirada, piegas, banal e irritante.—Mas deixa-nos, entre outros, o «Auto do fim do dia» que ninguem pode ler sem uma grande e sentida emoção, tão portuguez e tão popular elle é, na sua ingenua e sentimental simplicidade.

Não se consinta que essa torre ennegrecida pelo tempo e já de aspecto exterior tão doentio, continue a servir de carcere, emquanto que não se lhe façam os necessarios e indispensaveis melhoramentos.

A hygiene revolta-se contra isso, e o espirito civilizador d'este seculo condemna esse abandono e desprezo do nosso semelhante, pois é um crime o sujeitar um homem á privação da sua liberdade e sujeitalo, com o pretexto de o corrigir, ao soffrimento de viver n'uma casa sem ar e sem luz.

✱

Passou a epoca em que o criminoso era lançado ás fêras ou condemnado ás torturas dos processos inquisitoriaes. E tambem vae desaparecendo a impressão de que as cadeias devem ser simples casas de castigo.

Desde que ellas são *casas de correcção*, a privação da liberdade ha-de ser acompanhada do dever de trabalhar.

Effectivamente, não pôde nem deve admitir-se que um individuo, condemnado em pena correccional, vá cumpri-la n'uma casa onde, sem trabalho, tem a alimentação bastante que cá fóra muitas vezes lhe falta, sem o *incommodo* de a pagar e até de a pedir, tendo portanto livre todo o tempo que alli estiver para aprender e estudar a pratica de maiores crimes.

E quantos lá entram — homens de trabalho — e d'ali sahem, já malandros, com desejo de para lá voltar, por que «alli se está á sombra, não se trabalha e passa-se bem...»

E' necessario que nas cadeias haja officinas. E, felizmente, já uma grande parte das cadeias civis tem no nosso paiz officinas de trabalho annexas, onde o preso que era trabalhador trabalha e o vadio é obrigado a aprender um officio. D'este modo é que se contribue para a regeneração d'essa gente sem modo de vida e que se emprega em malfetorias, roubos e o mais a que os levam as suas propensões criminosas.

E é tambem um contrasenso que a boa moral repelle, o facto de se admittir a mistura dos presos de todas as cathogorias — os pequenos com os grandes criminosos e as creanças innocentes com os adultos

cheios de vicios — como se tudo fosse uma familia de malfetores, d'esses que a sociedade repelle com asco.

Para os pequenos vadios, temos no paiz as casas de correcção, onde todos devem ter o seu logar. Não é na cadeia o logar d'elles. E se realmente por ella teem de passar, para poderem alcançar o beneficio de ser internados n'uma casa de correcção, n'esse caso a cadeia deve ter uma sala para que essas creanças estejam fóra e bem longe do contacto dos assassinos e ladrões — todos cheios de vicios repulsivos.

✱

Junto ás cadeias devia tambem haver uma escola, porque a escola, como o trabalho, moralisa e corrige os vicios.

Era o Estado quem devia contribuir para que isso se fizesse; era a nossa municipalidade quem o podia pedir — era todo este povo que o podia lembrar.

Mas, n'aquella casa insalubre, não. Alli, não! Construa-se novo edificio para a cadeia — um edificio moderno, proprio, que aquelle está a reclamar saneamento pelas labaredas. E então depois, não faltariam benemeritos que custeassem uma aula para presos, nem quem lhes desse trabalho.

Assim, abríamos uma escola junto á cadeia, para podermos mais tarde fechar a mesma cadeia.

E' muito louvavel e nós apoiamo-la com toda a sinceridade, a iniciativa tomada pela commissão municipal republicana, mórmente pelo seu digno presidente sr. dr. Cardoso d'Albuquerque, de substituir por outra habitação mais confortavel e mais digna de ser habitada, a actual cadeia civil d'esta villa.

Ao appello lançado a publico pela vereação barcellense, devem associar-se todos os que sinceramente amam esta terra e sentem algum interesse no seu progredimento.

Aqui fica o nosso mais franco e leal apoio a quem em prol d'esta terra trabalha — apoio esse que nunca regateamos a quem cuide de Barcellos.

J. S

Chronica ligeira

UMA visita insigne recebida com demonstrações que não eram inteiramente de suppor, eis uma nota devéras sensacional, que ao chronista se impõe registrar, fazendo-o com tanta mais satisfação, quanto é certo sentir-se mesmo, como barcellense, honrado com a deferencia do illustre visitante e pela forma como o povo seu conterraneo soube corresponder á gentileza. Barcellos teve dentro dos seus muros um dos mais distinctos membros do Governo Provisorio da Republica Portuguesa e soube saúda-lo nobremente.

Isto consola e desvanece. Barcellos mostrou, claramente, como soube comprehender as responsabilidades historicas que pesam sobre todo o povo portuguez e que, se por feição ou habito tradicional, ou luxo heraldico de ser velha séde d'um condado brigantino não deseja negar sentimentos de respeito pelo rei exilado, tambem não quer occultar que, até por tendencia atavica, nunca deixou de amar a Liberdade, tendo deposto em suas aras de sacrificio muitas abnegações heroicas. Feudo senhorial de poderoso Privilegio, nem assim deixou de seguir, com entusiasmo, as ideias generosas que o progresso ia fazendo triumphar pelo tempo fóra, respeitando a tradição, sim, mas acompanhando a evolução das edades, offerecendo mesmo hostes valorosas aos campos transformadores das revoluções.

Ora o influxo ancestral não podia deixar de fazer-se sentir na presente phase, tanto mais que, a favor da causa republicana, a revivescencia ethnica já estava brilhantemente assignalada no afervorado esforço d'uma das mais sympathicas e respeitaveis individualidades da nossa terra, o dr. Antonio Martins de Souza Lima e n'alguns companheiros que, desde longe, o vêm seguindo na sua fé inabalavel nos grandes ideaes da Democracia.

Foi assim que a vinda d'um ministro da Republica a Barcellos, longe de tomar o aspecto de desacato e provocar a reacção, muito ao contrario, revestiu a attitude d'uma gentileza penhorante, d'uma alta honra, a

que o povo soube corresponder com a bizarria que lhe é tradicional.

O egregio representante do governo foi recebido festivamente e pôde compulsar de perto a indole admiravel d'este bom e hospitaleiro povo.

Houve entusiasmo? Por vezes, n'alguns momentos mesmo, caloroso carinho. Bello!

O ministro da guerra atravessou toda a parte central da villa. No Campo da Republica viu esse lindo e empolgante espectáculo que offerece a nossa feira. Foi á camara, ao quartel, sendo sempre olhado com respeito e em muitos logares vivamente aclamado. Bem pode dizer-se que Barcellos fez a sua adhesão á Republica, pois mesmo a parte da sua população que se manteve em expectativa, essa mesmo foi alem d'um retrahimento benevolo.

E muito bem. Todos somos portuguezes e todos devemos ter por preocupação primordial a felicidade da Patria. Ora a Republica é mais do que uma esperanza, é já uma promessa. Devemos todos ajuda-la, ajuntarmo-nos á volta do seu pavilhão, mesmo porque ella de todos carece e não nasceu, por certo, para ser madrastra.

Um dever de patriotismo impõe-se-nos para servir lealmente o novo regimen. Mas, alem d'isso, elle representa ideaes que, dentro das formas governativas, são os que mais satisfazem o espirito de independencia, que dignifica.

Avante, pois, pela Republica, ó povo admiravel que, ainda na visita do illustre ministro da guerra, soubeste affirmar a grande elevação dos teus sentimentos.

Por ti e pelo ministro o meu mais caloroso bravo.

M.

Regionalismo

Agradecemos aos nossos presados collegas *O Povo*, de Vianna do Castello, e *O Cardeal Saraiva*, de Ponte do Lima, a distincção com que nos honraram, transcrevendo o artigo «Regionalismo», do nosso distincto collaborador sr. Conde de Villas Bôas.